

‘É preciso que tradutores com vocação

(Continuação da página 5)

JU – Qual o peso dessas edições para a compreensão de clássicos e para os estudos literários no país?

Vasconcellos – Como já disse, a meu ver essas edições podem contribuir para a formação de tradutores dos clássicos que, como Odorico, assumam a tarefa de recriação em português dos efeitos propriamente poéticos do original, o que é desafiador, saudavelmente complexo. Não nego a importância de traduções do tipo filológico, acadêmicas, que traduzem mais o sentido primeiro e não se preocupam em criar análogos dos efeitos de som e ritmo do original. Essas edições têm seu papel: acompanhadas de estudo e notas, divulgam o texto antigo e são úteis para quem toma o texto como fonte. Mas nossa apropriação dos clássicos seria muito pobre se só houvesse esse tipo de trato com os clássicos.

Não podemos esquecer que os latinistas e helenistas trabalham com textos literários, alguns deles obras fundamentais na história literária do ocidente, que exerceram uma influência gigantesca por seu valor estético. É preciso, então, que tradutores com vocação poética, tradutores criativos, proponham traduções criativas que, a partir dos textos originais, produzam textos com valor literário. A meu ver, é isso que, pensando no público leigo, fora dos muros da universidade, dá verdadeira vida aos clássicos. Esse mundo clássico vive através, sobretudo, de textos literários e, quando esses textos ganham traduções interessantes, atraem leitores que não são e nunca serão especialistas em latim ou grego, mas que se encantam com a grandiosidade das obras que a tradução deixou entrever.

No campo dos estudos literários, as traduções de Odorico podem ajudar a chamar a atenção dos jovens para nossa herança clássica, e não apenas a diretamente grega e latina. Um leitor de Camões, por exemplo, ao ler a tradução da *Eneida* de Odorico perceberá como o maranhense se colocou na tradição épica camoniana, chegando a incorporar versos inteiros dos *Lusíadas* em sua tradução. Acima de tudo, quem quer que se encanta com o uso expressivo da língua portuguesa na literatura terá um vasto território a explorar com Odorico.

Gonçalves Dias dizia que ninguém conhecia melhor a língua portuguesa do que Odorico Mendes. O leitor encontrará nele um vocabulário rico, muitas vezes tomado aos clássicos da língua portuguesa como Camões, e uma sintaxe com tantas construções desconhecidas da maioria que a leitura frequente de Odorico acaba por se transformar numa espécie de curso de língua portuguesa em seu registro literário, uma amostra privilegiada das potencialidades expressivas da língua.

JU – Quais são os próximos projetos do grupo?

Vasconcellos – Atualmente, trabalhos numa edição das *Geórgicas* nos mesmos moldes da edição da *Eneida Brasileira* e das *Bucólicas*. Recentemente, a atriz que mencionei passou a integrar oficialmente o grupo. Esperamos promover mais récitas de trechos das traduções de Odorico Mendes. Quando terminarmos a anotação de toda a tradução de Virgílio,

“Vi jovens poetas incorporando a seu vocabulário expressões de Odorico”



Parte do Grupo de Trabalho Odorico Mendes durante o lançamento dos livros: trabalho de fôlego

“O Brasil da época de Odorico Mendes não estava preparado para essa ousadia”

que é o trabalho prático mais importante do grupo, pensaremos no passo seguinte. Venho acalentando o sonho de reunir uma equipe multidisciplinar para uma pesquisa profunda sobre a vida de Odorico Mendes, que, como se sabe, foi um político importante sob o Império. Há na vida dele alguns enigmas; por exemplo: onde estão os manuscritos das traduções dos clássicos?

Sonho com um trabalho de investigação que produza uma biografia de Odorico e saliente os dois aspectos mais notáveis de sua vida: a atuação como político que funda jornais e se dirige com franqueza ao imperador e seu trabalho inédito de tradução de todas as obras de Homero e Virgílio. Se esse projeto não vingar, espero que alguém pense em algo parecido e preencha essa lacuna, pagando o tributo definitivo a um homem da grandeza de Odorico. E quando não houver mais traduções de Odorico a anotar, espero criar um grupo para fazer trabalho semelhante com outras boas traduções dos clássicos.

JU – Em que pese o fato de Odorico Mendes ter traduzido toda a obra poética de Virgílio e Homero, em pleno século XIX, seus trabalhos foram alvos de críticas à época e em períodos subsequentes. A que o senhor atribui esses comentários?

Vasconcellos – Há aspectos da tradução de Odorico que só mais tarde viriam a ser avaliados com ponderação. Por exemplo, ele heleniza o português ao traduzir Homero, criando, por exemplo, compostos poéticos à moda homérica: olhicerúlea, pulcrícoma... Nas traduções dos clássicos,

Odorico muitas vezes usa sintaxe que imita a latina, como que latinizando o português. Assim, o português se enriquece com a influência do latim e do grego sobre ele. O Brasil da época de Odorico não estava preparado para essa ousadia. Mas o fato é que muito dos equívocos de que Odorico foi vítima tem uma fonte precisa: um juízo tão apressado quanto cáustico do crítico literário Silvio Romero, que depois foi repetido por outros críticos e estudiosos.

O fato também de ter passagens difíceis por causa do vocabulário e da sintaxe não ajudou. Soma-se a isso o conhecimento parco dos clássicos no original e está feita a mistura ideal para que o pobre Odorico seja tão incompreendido e tão violentamente atacado – ainda hoje é, em certos meios, se bem que cada vez mais raramente. Mas prefiro ressaltar que hoje

‘Haroldo de Campos é o primeiro grande responsável pelo resgate de Odorico Mendes’

o resgate de Odorico como tradutor, por obra de pessoas como Haroldo de Campos e o professor de grego da USP Antonio Medina, entre outros, e edições como a de nosso grupo, é completo. Pode-se gostar ou não das traduções, mas estão dados os meios

para sua leitura desprovida de preconceitos (e quanta gente não falou de Odorico sem sequer o ter lido de fato!) e sua compreensão.

JU – Paradoxalmente, como o senhor assinalou, coube a Haroldo de Campos resgatar essa obra e dimensionar sua importância, ressaltando sobretudo o esforço de recriação – ou “transcrição”, tema caro aos concretistas – dos poemas. Essa chancela tornou a obra de Odorico, digamos, mais acessível e/ou chegou a sensibilizar parcela da crítica?

Vasconcellos – Não tenho dúvida de que Haroldo de Campos é o primeiro grande responsável pelo resgate de Odorico. Se o grande teórico da tradução, grande poeta e erudito declara que a tradução de Odorico é pioneira no Brasil na ideia de tradução como recriação, muitos dos seus leitores são levados a questionar o arraigado juízo negativo e a olhar as traduções de Odorico com menos preconceito. Mas é curioso que durante algum tempo certos setores da academia também tinham certo preconceito contra os concretistas e, então, entre certas pessoas, o aval de Haroldo não resultava em benefício de Odorico...

Mas eu prefiro mesmo que tudo isso seja esquecido e que celebremos tanto interesse, pelo Brasil afora, por uma obra que já foi alvo de pesada incompreensão. O que eu acho interessante é ver como muitos jovens –

Quem é



O professor Paulo Vasconcellos, coordenador do grupo: “As traduções de Odorico podem chamar a atenção dos jovens para nossa herança clássica”

Paulo Sérgio de Vasconcellos é ex-professor de Latim da USP e da Universidade Mackenzie e atual professor da mesma disciplina no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), função que exerce desde 1988. Tem-se dedicado, sobretudo, ao estudo da poesia latina. Entre seus livros, destacam-se *Catulo, Cancioneiro de Lésbia*, uma edição comentada de poemas do poeta romano Catulo (séc. I a.C.) e *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*, sobre os ecos intertextuais na epopéia de Virgílio e sua significação. Atualmente, coordena o trabalho de anotação e comentário das *Geórgicas* de Virgílio na tradução de Odorico Mendes e finaliza uma sintaxe do período subordinado latino para uso nas universidades.